



UMA ANÁLISE SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS NO MUNICÍPIO DE ITACOATIARA-AM

Skárllat Mayana Kettle Furtado¹
Kenubia Brasil Baraúna²
Margarida Carmo de Souza³
Leandro de Oliveira Souza⁴

Resumo

A pesquisa aqui relatada inicia-se a partir do olhar de duas acadêmicas de um curso de Licenciatura em Ciências. Neste artigo, a partir das reflexões, pretende-se discutir a seguinte questão: Como enfrentar a ociosidade imposta aos estagiários pela falta de comunicação entre universidade e escola? Para responder essa questão, fez-se uma análise dos projetos pedagógicos de duas escolas, de dois cursos de Licenciatura e entrevistaram-se todos os sujeitos envolvidos na disciplina de estágio. Conclui-se que o momento de construção e reestruturação dos projetos pedagógicos, tanto das universidades quanto das escolas, pode servir como ferramenta de diálogo entre as instituições.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Projeto Político-Pedagógico. Formação de Professores.

AN ANALYSIS OF CURRICULAR INTERNSHIP IN UNDERGRADUATE TEACHERS' DEVELOPMENT COURSES AT UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS IN ITACOATIARA CITY

Abstract

The research reported has started from two undergraduate students of Science degree. In this paper, from their reflections, it is intended to discuss the following question: How to face idleness imposed on the trainees by lack of communication between university and school? To answer this question, an analysis was made of the pedagogical projects of two schools, and of two undergraduate courses, also people involved in the internship course were interviewed. It is concluded that moment of construction and restructuring of pedagogical projects, both universities and schools, could serve as tool for dialogue between institutions.

Keywords: Curricular internship. Pedagogical Projects. Teacher development.

¹ Graduada em Licenciatura em Ciências: Química e Biologia; Universidade Federal do Amazonas/UFAM, Itacoatiara, Amazonas, Brasil. E-mail: kettle19@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura em Ciências: Química e Biologia; Universidade Federal do Amazonas/UFAM, Itacoatiara, Amazonas, Brasil. E-mail: kenubiabr@gmail.com

³ Doutora em Química; Universidade Federal do Amazonas/UFAM, Itacoatiara, Amazonas, Brasil. E-mail: margarida.carmo@gmail.com

⁴ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática; Universidade Federal de Uberlândia/UFU, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: olilean@gmail.com

Introdução

Nos cursos de Licenciatura, o estágio supervisionado é o momento em que o licenciando se envolve na escola, com o objetivo de desenvolver conhecimentos didáticos e práticos para tornar-se apto a ministrar conteúdos específicos. O estágio supervisionado deveria permitir ao acadêmico relacionar os conhecimentos teóricos com os problemas socioculturais encontrados na comunidade em que está envolvido, ensinando-o a agir.

Baccon e Arruda (2010) apontam que o estágio supervisionado, nos cursos de Licenciatura, tem como função a formação inicial dos acadêmicos, contemplando as fases de observação, participação e regência. Na nossa concepção, o momento do estágio deveria envolver os estudantes com a rotina escolar, possibilitando-lhes profunda reflexão, construindo e desconstruindo expectativas sobre a docência. A partir do envolvimento do licenciando na rotina escolar, dever-se-ia permitir-lhe adentrar gradativamente na profissão docente, ampliando o seu olhar para além da sala de aula. No entanto, a formação inicial de professores não os vem fundamentando teoricamente para a atuação profissional e não tem tomado a prática do estagiário na escola como referência para a fundamentação teórica (PIMENTA; LIMA, 2012).

Com base nessa problemática, este estudo inicia-se a partir da inquietação de duas acadêmicas do curso de Licenciatura em Ciências: Química e Biologia, depois de cursar disciplinas de Prática Curricular e Estágio Supervisionado no município de Itacoatiara-AM. Este incômodo partiu de duas situações: da ociosidade que lhes foi imposta pela falta de diálogo entre universidade e escola e do descaso de ambas as instituições em definir qual o papel a ser exercido pelo estagiário na escola. A partir das reflexões das acadêmicas, pretendemos discutir a seguinte questão: Como enfrentar a ociosidade imposta aos estagiários das licenciaturas pela falta de comunicação entre universidade e escola? Para responder essa questão, adotamos uma análise que visa a interpretação de significados das ações acompanhada de um movimento para frente e para trás (ESTEBAN, 2010). A pessoa que realiza a interpretação é parte do círculo ou contexto em que a pesquisa se realiza.

Ao aprofundar nossas leituras a respeito do Estágio Supervisionado, percebemos que os Projetos Político-Pedagógicos (PPP), tanto da escola quanto da universidade, poderiam ser utilizados como ferramentas mediadoras do diálogo entre as instituições formadoras de professores. O projeto político-pedagógico deveria ser produzido como resultado do diálogo entre os diversos segmentos da comunidade escolar, como determina a Lei de Diretrizes e

Bases (BRASIL, 1996). Nesse sentido, compreendemos que, embora esse documento guie o trabalho administrativo e as ações pedagógicas da comunidade escolar, não seria esse o seu principal atributo, pois a universidade deveria envolver-se na discussão sobre as normas de gestão democrática, objetivando colocar a escola como centro do processo de formação docente.

Neste trabalho buscamos compreender a forma como a proposta de estágio supervisionado, inserida no projeto político-pedagógico das escolas de ensino básico, poderia facilitar o planejamento e o diálogo entre a escola e universidade. Seria esse o caminho para definir de forma clara os papéis dos sujeitos no processo de formação inicial de professores?

Para aprofundar nossa compreensão sobre a problemática, conduzimos entrevistas semiestruturadas com todos os sujeitos que participaram do processo das disciplinas de Prática Curricular e Estágio Supervisionado, ofertadas pelos cursos de Licenciatura em Ciências: Matemática e Física e Licenciatura em Ciências: Química e Biologia no Município de Itacoatiara-AM. Além disso, analisamos os PPPs dos cursos e das escolas envolvidas. Na próxima seção, apresentaremos brevemente um panorama do contexto onde a problemática está inserida. Logo em seguida, antes de discutir os resultados, exporemos a nossa compreensão de como o Estágio Supervisionado poderia ser concebido nos Projetos Pedagógicos das escolas.

O município de Itacoatiara e o contexto escolar

Itacoatiara é um município localizado no estado do Amazonas, região Norte do Brasil, a aproximadamente 270 quilômetros a leste da cidade de Manaus. O percurso entre as cidades pode ser feito por via terrestre, em estrada asfaltada; e fluvial, pelo Rio Amazonas. O município possui aproximadamente 96 mil habitantes, dispõe de sete escolas de Ensino Médio, sendo quatro localizadas na zona urbana e três, na zona rural (IBGE, 2015). Devido à grande extensão territorial do município, a distância impossibilita que os estudantes cumpram o estágio na zona rural.

Embora o objetivo do curso de Licenciatura em Ciências: Química e Biologia da unidade acadêmica de Itacoatiara (UFAM) seja formar profissionais para atuar na docência dos níveis de Ensino Fundamental e Médio, os estágios previstos nas disciplinas de Prática Curricular e Estágio normalmente são feitos nas escolas de Ensino Médio. O mesmo não ocorre no curso de Licenciatura em Ciências: Matemática e Física – neste caso, os estágios

acontecem no Ensino Fundamental e Médio. Somente o curso de Licenciatura em Ciências: Matemática e Física, por ser oferecido em período noturno, tem flexibilidade para permitir ao estagiário a escolha de local e horário para o estágio. No curso de Licenciatura em Ciências: Química e Biologia, os licenciandos cumprem o estágio no horário e em locais estabelecidos pela instituição.

As disciplinas de Prática Curricular e Estágio Supervisionado são ministradas, em média, em 645 horas nos dois cursos. As horas que faltariam para complementar a exigência legal, Art.1 da Resolução CNE/CP2, de 19 de fevereiro de 2002, são ministradas nas disciplinas de Laboratório de Ensino e Instrumentação para o Ensino, que não tomam o ambiente escolar como referência para a fundamentação prático-teórica. Cada uma das disciplinas, Prática Curricular e Estágio Supervisionado, foram e são ministradas por dois professores universitários: um pedagogo e outro licenciado em uma área específica (Química, Biologia, Física ou Matemática). As divisões das disciplinas foram pensadas dessa forma como método de auxílio aos estagiários, tanto nos conhecimentos didáticos quanto nos específicos. Porém, na prática, as disciplinas não funcionam assim, pois, muitas vezes, somos encaminhados à escola e percebemos que, além de nós, os gestores e os professores supervisores também não sabem bem o que fazer.

Tomando nossa experiência, compreendemos que o principal obstáculo à inserção do estagiário no processo de formação para docência é a falta de diálogo, não apenas entre universidade e escola, mas também entre os professores universitários e entre os docentes e a equipe de gestão da escola. A próxima seção discutirá como entendemos que o projeto político-pedagógico poderia auxiliar como ferramenta de diálogo.

O projeto político-pedagógico e o estágio supervisionado

O projeto político-pedagógico leva em consideração que a organização do trabalho no âmbito escolar parte dos princípios de igualdade, qualidade, liberdade e gestão democrática (VEIGA, 2013). A construção e/ou a reestruturação de um projeto pedagógico é uma tarefa difícil, já que reflete os valores éticos, sociais, culturais e políticos do contexto em que a comunidade está inserida (MAIA; COSTA, 2013; SANTIAGO; ZASSO, 2013;). O PPP deve ser encarado não como uma peça burocrática, mas como um instrumento de gestão e de compromisso coletivo. Nele devem ser registradas as diretrizes e os encaminhamentos

educacionais obtidos por meio das negociações, discutidas coletivamente, isto é, ele deve ser o documento que representa a democratização escolar.

O estágio supervisionado é um componente curricular tido como eixo central nos cursos de formação de professores. Na concepção de Pimenta e Lima (2012), é ali que o licenciando constrói a identidade docente, por meio da observação e da participação no ambiente escolar. Abreu (2014) entende que o estágio deve oportunizar aos estudantes uma visão da realidade, auxiliando-os a estabelecer elos para uma associação entre a teoria e a prática.

De acordo com Pimenta e Lima (2012), há grande necessidade de o estagiário construir o seu espaço na escola, estabelecendo relações, reconhecendo sua própria presença e o seu papel no ambiente de estágio. Entendemos que, para enfrentar a ociosidade, imposta aos estagiários das Licenciaturas pela falta de comunicação entre universidade e escola, o PPP é de fundamental importância, pois tem potencial e pode servir como um instrumento para facilitar a gestão na tarefa de construir o diálogo para o compromisso coletivo. Os procedimentos que adotamos para compreender com maior profundidade a problemática serão descritos na seção seguinte.

Metodologia

Para conduzir nosso trabalho de pesquisa, analisamos os documentos curriculares dos cursos de Licenciatura em Ciências de nossa instituição e também os PPPs das escolas, procurando indícios de qual seria o papel dos estagiários nas escolas. Porém, não encontramos menção a isso em nenhum dos documentos. Por essa razão, decidimos entrevistar os sujeitos envolvidos no processo: dois gestores, sete professores da educação básica – dois de Matemática, dois de Física, um de Biologia, um de Química e uma que atuava tanto em Química quanto em Biologia – quatro professoras universitárias responsáveis pelo estágio e oito estagiários, dos quais seis eram estudantes do curso de Licenciatura em Ciências: Química e Biologia e dois do curso de Licenciatura em Ciências: Matemática e Física.

Das quatro escolas que costumam receber o maior número de estagiários, escolhemos duas para fazer nossa pesquisa. A exclusão das outras duas deu-se pela dificuldade de acesso aos gestores. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, a partir de uma conversa, gravada em vídeo para posterior análise. As questões foram estruturadas de forma a caracterizar os sujeitos profissionalmente. Além disso, nas entrevistas com os

gestores e com os professores da escola e da universidade procuramos também compreender como ocorre o processo de diálogo e planejamento entre as instituições. Nas entrevistas com os estagiários, procuramos identificar as experiências que tiveram no ambiente escolar e entender como eles foram inseridos, orientados e recebidos, para, então, analisar qual a concepção desenvolvida por eles sobre o papel do estagiário na escola.

Na próxima seção, descreveremos os resultados dessas entrevistas. Nomearemos as escolas E1 e E2; os gestores, GE; o professor da escola, PE; o professor universitário, PU; e os estagiários, AC.

Resultados e discussões

Concepção das gestoras e professores – Ambas compreendem a importância do estágio como subsídio para a formação docente e seu papel de envolver os acadêmicos como agentes colaboradores no ambiente escolar; reconhecem também que não há uma estratégia para inserir o estagiário na escola e afirmam que a universidade seria bem-vinda na elaboração de um planejamento. No entanto, divergem com relação à falta de diálogo entre universidade e escola: uma delas encara a universidade como omissa, ao despejar estagiários na escola, enquanto a outra acredita que a universidade está bem inserida no ambiente escolar. As duas também estão conscientes de que, embora exista o PPP, esse precisa passar por um processo de revitalização e afirmam que, em sua experiência, nunca viram a universidade presente na discussão.

Fizemos uma análise sobre a divergência das gestoras com relação ao diálogo entre universidade e escola. Quando questionadas sobre a aproximação entre as instituições, GE1 e GE2, respectivamente, responderam:

[...] O diálogo que a universidade possui hoje com a escola, eu acredito que precisa e deve melhorar [...] precisamos de uma participação mais ativa da coordenação ou coordenadores de estágio na escola, pois muitas vezes, eles só vêm uma vez para assistir as aulas dos acadêmicos e não voltam mais.

[...] Para o processo de estágio, desconheço se há alguma estratégia pronta para inserção dos estagiários na escola [...] mas sei que aqui possuímos projetos como PIBID e por esse motivo vejo que hoje minha escola possui um vínculo muito bom com a universidade [...] sempre tem um coordenador do PIBID aqui conosco conversando [...] Vejo que aqui possuímos um contato e um diálogo muito bom com a universidade.

Do mesmo modo que verificamos nas falas das gestoras, as divergências também foram observadas entre os professores das E1 e E2 e estão relacionadas ao PIBID. Em nossa concepção, os professores e o gestor da E2 conseguiram avaliar com clareza o processo de estágio, apresentando como problemática a ausência de diálogo entre as instituições. Eles afirmaram que é necessário melhorar a comunicação, pois a ausência de planejamento com os professores da universidade dificulta a definição do papel do estagiário e do professor na formação docente. No entanto, os professores e o gestor da E2 atribuem a boa comunicação ao PIBID.

Sobre essa relação, P1E1, P1E2 e P2E2 disseram, respectivamente:

[...] Desconheço se há algum tipo de planejamento que envolva os estagiários e a escola... Procuro receber todos bem e também me informar sobre que tipo de estágio estão fazendo, se é de observação, participação ou regência [...] Nós, professores, não sabemos qual a proposta curricular dos acadêmicos.

[...] Em relação a parcerias, digo que há uma comunicação muito boa entre a universidade e a escola, e isso vemos hoje em nossa escola graças à participação do projeto PIBID [...] Eles oferecem aos professores e aos alunos palestras [...] e isso aproxima tanto os alunos do Ensino Médio quanto a nós, professores, da universidade.

[...] No caso do PIBID os professores trazem os alunos até a escola, no estágio ainda tem o caso de os estagiários mesmos procurarem a escola e conversarem com a gestão e os professores. Mas mesmo assim, digo que o nosso contato com a universidade melhorou [...] E eu vejo que isso só se tornou possível na escola, graças aos acadêmicos fazerem parte do PIBID.

Levando em consideração que também fazemos parte do programa PIBID, compreendemos que ele permite um diálogo direto dos bolsistas tanto com o professor universitário quanto com o professor da escola. Além disso, nos oportuniza maior liberdade para planejar e atuar no ambiente escolar, o que não ocorre no estágio supervisionado. Por fim, por experiência, percebemos que, muitas vezes, o papel do estagiário se mistura ao do bolsista PIBID na E2.

Concepção dos professores universitários – todos afirmaram que não há planejamento entre escola e universidade para a inserção dos estagiários no ambiente escolar. Além disso, concordam que os PPPs dos cursos de Licenciatura são fragmentados e tradicionalistas; portanto, precisam ser reestruturados para se adequar à realidade. Alegam também que as escolas não têm PPP atualizados. E relatam que participaram de várias reuniões com a Coordenadoria Regional de Educação, órgão representativo da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, a fim de estreitar o diálogo entre as instituições, porém nenhum documento foi elaborado.

Quando questionamos sobre o planejamento e o diálogo, a resposta dada por PU1 e PU2, respectivamente, foram:

[...] A nossa proposta de estágio nunca foi inserida no cronograma da escola [...] Acho que é porque também o PPP dos cursos de Licenciatura estão muito atrasados em relação aos novos modelos das práticas curriculares e estágio supervisionado [...] Além disso, as escolas não possuem PPPs atualizados.

[...] Ao longo de quatro anos, eu e outros professores tentamos estreitar laços com a SEDUC, participamos de várias reuniões, fizemos acordos de colaboração [...] nunca foi registrado no papel [...] Eu acho que é necessário, sim, melhorar e muito essa parceria com as escolas [...] Além disso, precisamos mudar também a nossa própria proposta curricular que está descrita nos PPPs das Licenciaturas.

A fala das professoras corrobora tais opiniões, ao afirmar que o processo de reestruturação dos PPS poderia servir como meio de diálogo entre as instituições, de modo a favorecer a inclusão participativa dos estagiários no ambiente educacional.

Concepção dos estagiários – na visão dos estagiários, é na prática que se aprende. Porém, eles relataram que no estágio não tiveram muitos momentos de aprendizado, em função da ociosidade que lhes era imposta, relacionada, por alguns, à falta de orientação dos professores universitários e, por outros, ao despreparo da escola ao recebê-los.

Os relatos dos alunos são descritos a seguir. AC1, AC2 e AC3 afirmam, respectivamente:

[...] Recebi pouca orientação a respeito do estágio na universidade, mesmo sendo orientada por duas professoras, da área e a pedagoga.

[...] Para mim a escola não está preparada para receber os acadêmicos, porque a equipe de gestão da escola está desinformada sobre o que é estágio [...] Durante o estágio fui impedido, por orientações da gestora, de entrar na sala dela sem que a mesma autorizasse, na sala dos professores porque é restrita aos professores, na secretaria de administração porque essa é restrita para as pessoas que trabalhavam na mesma e nem nos corredores, a gestora foi bem clara que lugar de estagiário é na biblioteca ou na sala de aula. O acadêmico tem muitas restrições na escola.

[...] Os professores não têm confiança em deixar os estagiários participarem da maioria das atividades em sala de aula.

Os relatos nos revelam uma transferência de responsabilidades entre as escolas e a universidade sobre as atribuições do estagiário dentro do ambiente escolar. Pelo discurso de AC2, compreendemos que a falta de definição do papel do acadêmico na escola obriga o gestor a restringir-lhes os espaços no ambiente escolar e a não lhes confiar responsabilidades.

Considerações finais

Este estudo nos proporcionou uma visão mais abrangente da problemática do estágio supervisionado e da falta de planejamento. Os relatos dos entrevistados nos levaram a concluir que a falta de diálogo que persiste entre escola e universidade, no processo de estágio, faz com que as escolas não compreendam o real papel do estagiário. Percebemos que o PIBID conseguiu promover o diálogo entre as instituições, o que pode ser observado em uma das escolas de nível médio do município de Itacoatiara. Entender o seu funcionamento talvez ajude a delinear melhor as atribuições curriculares do estágio supervisionado nas escolas.

Por fim, concluímos que a ociosidade imposta aos estagiários e a falta de reconhecimento sobre o papel que eles devem desempenhar indicam que a universidade e a escola necessitam estabelecer um trabalho de parceria. A definição de um real envolvimento do licenciando no ambiente escolar deve ultrapassar a ideia de discussão coletiva. Os projetos institucionais, na nossa concepção, deveriam oficializar a maneira como o planejamento e ações dos envolvidos se propõem a conduzir a formação docente no âmbito escolar.

Referências

ABREU, R. O estágio curricular supervisionado como possibilidade de pesquisa na formação de educadores. In: ABREU, R. (Org.). **O estágio curricular supervisionado na formação de professores e pedagogos: entre a realidade e o devir**. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 31-39.

BACCON, A.; ARRUDA, S. Os saberes docentes na formação inicial do professor de física: elaborando sentidos para o estágio supervisionado. **Ciência e Educação**, São Paulo, n.3, p. 507-524, 2010.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União, Poder Legislativo**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 01 set. 2015.

ESTEBAN, M. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradição**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

MAIA, B; COSTA, M. **Os desafios e as superações na construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

PIMENTA, S; LIMA, M. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTIAGO, A; ZASSO, S. Projeto Político-Pedagógico: A experiência de uma escola de periferia urbana na construção de sua identidade. In: VEIGA, I. (Org.) **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papyrus, 2013. p. 179-192.

Recebido em: 10 de maio de 2016.

Aprovado em: 21 de março de 2017.